

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Clara Freguglia Roque

O CONCEITO DE "HOMEM CORDIAL" EM "RAÍZES DO BRASIL"

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub.

Juiz de Fora

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **CLARA FREGUGLIA ROQUE**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672132A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O CONCEITO DE "HOMEM CORDIAL" EM RAÍZES DO BRASIL**, desenvolvido durante o período de 05 de março de 2018 a 06 de julho de 2018 sob a orientação de Jorge Gomes de Souza Chaloub, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

CLARA FREGUGLIA ROQUE

O CONCEITO DE "HOMEM CORDIAL" EM "RAÍZES DO BRASIL"

Clara Freguglia Roque¹

RESUMO

O artigo aborda questões do ensaio como um gênero literário brasileiro e suas consequências para o livro de Sérgio Buarque de Holanda. A construção da obra contou com várias reedições, as quais foram valiosas para apurar esses novos conceitos, principalmente o de *Homem Cordial*, ponto central da temática do artigo. *Raízes do Brasil* foi publicado em sua primeira versão em 1936 e é considerada como uma das obras clássicas da sociologia brasileira. Em seu enredo, conta com uma visão arrojada da sociedade tradicional brasileira. No intuito de contribuir com a compreensão dos tempos contemporâneos, o autor identifica o perfil do país através de uma análise histórica que parte do seu descobrimento e revela seus efeitos na cultura política e na imagem do brasileiro. Para isso, o ensaio propõe uma série de novos, conceitos com relação entre si. O *Homem Cordial* é relacionado ao homem "Aventureiro" dando uma nova significação às aparentes virtudes do perfil brasileiro e suas relações com o trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Homem Cordial. Família Patriarcal. Ensaio. Sérgio Buarque de Holanda. Identidade Nacional.

INTRODUÇÃO

A obra *Raízes do Brasil* do autor Sérgio Buarque de Holanda é considerada clássica e uma das mais importantes contribuições do pensamento social brasileiro. Em sua narrativa, traz propriedades relevantes sobre a formação do caráter brasileiro. Sua estrutura é marcada por comparações e pela demarcação de "pares" a partir de análises históricas. Com isso, o autor apresenta o conceito de *Homem Cordial* revelando traços relevantes da identidade do indivíduo brasileiro.

Sérgio Buarque de Holanda formou-se pela atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde obteve o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Trabalhou como jornalista, o que o possibilitou a seguir para Berlim, quando viveu o ambiente cultural propiciado pela República de Weimar, logo antes que Hitler tomasse o poder. Além disso, tirou grandes contribuições de Max Weber e outros filósofos alemães para a construção de seu livro. O contato com a produção alemã não se perdeu nas modificações das edições. O ensaísta brasileiro conheceu o trabalho do geógrafo Herbert Wilhemy² que possibilitou uma revisão crucial da sua interpretação das práticas agrícolas coloniais, refletidas a partir de sua segunda edição.

O livro passou por várias reedições. Publicado em sua primeira versão em 1936, foi modificado até 1948. Neste período, houve mudanças históricas e contextuais que foram integradas ao texto, e, também, ao autor, que são imprescindíveis para a sua compreensão. Entretanto, a obra de Sérgio Buarque foi alvo de muitas críticas e discussões. As alterações foram percebidas por Cassiano Ricardo – poeta e ensaísta brasileiro – que apresentou duras críticas ao personagem principal da narrativa de Sérgio Buarque, o *Homem Cordial*, e o autor, por sua vez, prestou suas respostas ao crítico que foram muito significativas para esclarecimentos das propriedades do texto.

A fim de concretizar seu argumento, Sérgio Buarque interpreta a formação do caráter nacional como uma herança de uma colonização ibérica advindas de um espírito de "aventura". Um bom exemplo desse procedimento está na análise do autor sobre agricultura, economia, trabalho e sociedade, principalmente no período colonial.

Capítulo I – A TRAJETÓRIA DA PRODUÇÃO ENSAÍSTA NO BRASIL

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: clarafregugliaa@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub.

² Colaborador do Terceiro Reich e um dos intelectuais a fazer propaganda do nazismo na América Latina. Justamente, nesse contexto, pesquisou técnicas agrícolas da região.

A tradição intelectual brasileira traz consigo uma frequente revisão histórica, que leva em consideração o processo de colonização. A produção literária no Brasil é conduzida por uma função de "continuidade" em parte vinculado às circunstâncias de sua independência sem rupturas. Segundo o sociólogo Antonio Candido, a tarefa de construção da literatura brasileira unificou o arcadismo e o romantismo. O último movimento, relacionou-se com a emancipação política e a necessidade de fortalecer a ideia de identidade nacional. O romance direcionou à tomada de consciência da realidade brasileira.

Antes, é fundamental esclarecer algumas propriedades do romantismo brasileiro. O estilo literário coincidiu com a época de maior estabilidade política no país, a qual teve início em 1840 e perdurou até o ano de 1870. Além disso, existia uma relação entre a literatura, a sociedade e a política, que buscava uma "expressão nacional autêntica", de acordo com as palavras de Antonio Candido. A literatura romântica serviu como legitimação da nação e do Estado brasileiro. Dessa maneira, o romance atuava como um instrumento de interpretação social e de afirmação da atividade literária brasileira.

De acordo com a obra *Sociologia no Espelho* de Luiz Carlos Jackson e Alejandro Blanco os romancistas brasileiros não se dedicaram ao ensaísmo político. Em 1822, em meio a um contexto de independência, o ensaio foi cultivado e ganhou importância devido a radicalização política do período. Já em um contexto literário, o Brasil passava pela transição do arcadismo ao romantismo culminando no relativo declínio da poesia. Passada a época, o ensaio retornaria com grande visibilidade com a crise do II Reinado em meados de 1870, a qual estava associada aos movimentos reformistas que reuniram jovens escritores marginalizados no sistema político. Esses novos intelectuais apontavam dilemas sociais e políticos enfrentados pelo Império e anunciaram os movimentos abolicionistas e republicanos. Nesse cenário, o romance não perdeu sua força, pelo contrário, tornou-se o gênero mais bem-sucedido no estudo sociológico da realidade brasileira, mas com a importante exceção de José de Alencar, construiu, à época, caminho distinto dos ensaios mais explicitamente políticos.

Não obstante, a autonomia de um campo literário é muito problemática no século XIX devido as afinidades entre as carreiras intelectuais, burocráticas e políticas do contexto. As elites brasileiras são as responsáveis pela constituição do pensamento intelectual nos cursos superiores até a crise do Império. As tendências doutrinárias difundiam propostas políticas, muitas delas no debate em torno do escravismo. Obras aparentemente distantes de discussões políticas convergiam na temática e nas propostas, as quais ordenavam o mundo das ideias no final do Império.

A utilização de ensaios emerge através de autores como Euclides da Cunha e Oliveira Vianna. Esses ensaios advêm de uma orientação sociológica e histórica. Entre as décadas de 1900 e 1930, os ensaístas avaliaram a formação da sociedade brasileira e as possibilidades de transformação do país em função da superação da Monarquia pela República e do trabalho escravo pelo trabalho assalariado. Os ensaios usualmente tratavam da composição étnica, por vezes apoiados em teorias deterministas, e demais traços distintos da nacionalidade. A produção desses autores estava também relacionada ao âmbito de um regime oligárquico dominado pelos paulistas e mineiros. Em conjunto com a produção ensaística, a poesia e o romance permaneceram gêneros dominantes até o modernismo, que no Brasil se qualificam como movimentos de vanguarda literária e artística.

A universidade está estritamente relacionada com o desenvolvimento do gênero no Brasil. Os três principais ensaístas brasileiros: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior tiveram formação universitária, e além do mais, formação autodidata que caracterizava o intelecto brasileiro das primeiras décadas do século XX. A ligação com a universidade marca um ponto significativo na história literária: a transição entra a figura do intelectual não especializado e o intelectual acadêmico dedicado as novas especialidades. Ainda a respeito das instituições universitárias, as consequências para com a construção dos ensaios da época foram fundamentais para a incorporação de instrumentos analíticos e dados empíricos na formulação das obras do período. Entretanto, apesar da formação universitária dos três grandes autores, a universidade não foi o local onde houve predomínio de sua obra inicial. A institucionalização das ciências sociais nas universidades se inicia na década de 30, mas caracteriza-se por ser um gradual e longo processo.

Sérgio Buarque é o centro da temática do presente trabalho, e para melhores esclarecimentos de sua obra, é relevante levantar algumas informações de sua trajetória. Ele se graduou em direito no Largo São Francisco e esteve na Alemanha, onde se familiarizou com a sociologia desenvolvida no país. Entre as três

principais figuras do ensaísmo da década de 1930, Buarque é que mais emblematicamente encarna a transição entre uma intelectualidade que não tinha na Universidade seu lugar preferencial de produção e outra que passou a tê-lo. Depois da publicação de *Raízes do Brasil*, começou a dar aulas na Universidade do Distrito Federal (UDF), fato decisivo para a reorientação da sua obra. O livro, entre as outras principais obras dos autores citados, é o menos documentado empiricamente. Sérgio Buarque explorou a metodologia weberiana dos "tipos ideais", além de utilizar outros autores de tradição intelectual alemã. Assim, o autor alcançou uma visão mais abrangente sobre a formação histórica e social brasileira que articula as formas sociais de enraizamento da colonização portuguesa às atitudes mentais que orientam os indivíduos desse processo. Para mais, discute as direções e os significados das transformações ocorridas no século XIX e dos impasses resultantes.

O ensaio era prioridade, mesmo sendo considerado um gênero secundário. Possuía uma alma de renovação e otimismo que visava desvendar as lógicas históricas e sociais na formação da nação, assim como os elementos que dificultaram esse processo.

O marco de ruptura da tradição ensaística é atravessado por outras continuidades. Dessa forma, é possível afirmar que a ruptura das trajetórias de produção do ensaio para com a sociologia acadêmica é mais anunciada do que, propriamente realizada. Contudo, o ensaio no Brasil marcou a transição da literatura às ciências sociais, abordando uma visão histórica-sociológica importante, na qual a institucionalização da sociologia foi gradual e essencial para a formação de uma "sociologia nacional"³, cujo os principais precursores foram os próprios ensaístas.

Capítulo II - RAÍZES DO BRASIL E SUAS NOVAS DIREÇÕES

Antes de desenvolver as direções da obra de Sérgio Buarque de Holanda é indispensável afirmar que se trata de um texto em uma constante construção. A primeira edição do ensaio foi lançada em 1936 e passou por várias revisões e alterações. Desde a publicação original e a versão "edição revista e ampliada" (1948), passaram-se muitos anos e se desenrolaram importantes acontecimentos históricos, entre eles a Segunda Guerra Mundial, a consolidação e queda do regime nazista e, no Brasil, a instalação do Estado Novo. *Raízes do Brasil* é considerado como um livro "feito de voltas e reviravoltas" segundo a edição crítica de Pedro Meira Monteiro e Lília Moritz Schwarcz. Lido por muitas gerações através de interpretações distintas, ganhou, ao longo desse tempo, novos sentidos.

A editora José Olympio foi a responsável pela publicação da obra. Possuía em seu espírito a busca por compreender as especificidades do país. Publicado pela idealização da Coleção Documentos Brasileiros, *Raízes do Brasil* em sua edição original sai como o primeiro volume. O texto foi escrito parcialmente no exterior, mais precisamente na Alemanha, entre 1929 e 1930, e finalizado em território brasileiro onde foi publicado e alterado por mais de trinta anos.

Na primeira edição de *Raízes do Brasil* a cordialidade advinha da consequência do conceito de homem aventureiro, marca da colonização portuguesa, no qual o colonizador português possuía ânsia de ganho rápido e que demandasse pouco trabalho. Já a partir da segunda edição do livro, o argumento se modifica e os portugueses se ajustam as práticas agrícolas indígenas, não por sua plasticidade, mas por percepção de adequação às novas terras do que o emprego no arado.

A segunda edição, em 1948, recebeu reedições consideráveis, nas quais foram retiradas expressões e passagens que causassem desconforto ao leitor adepto de perspectiva liberal e democrática. A influência da Segunda Guerra Mundial esteve presente em muitos pontos do ensaio, principalmente em relação ao seu posicionamento que claramente se opõe ao autoritarismo e se coloca mais claramente a favor de um viés democrático.

Na terceira edição, a principal mudança está no parágrafo de abertura. Deixamos de ser "desterrados em nossa própria terra"⁴ e passamos a fazer parte de uma complexidade da cultura ibérica. Ainda nesta edição, encontra-se a polêmica entre Sérgio Buarque e Cassiano Ricardo. As mudanças no ensaio foram notadas pelo

³ A formação de uma "sociologia nacional" foi reivindicada por Guerreiro Ramos (1996).

⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 3

poeta e ensaísta Cassiano Ricardo (1895-1974), que afirmou que o sentido original do Homem Cordial teria se modificado, enfatizando que antes a cordialidade dava a entender um sentido próximo a "bondade". O autor do livro deu sua resposta através da origem da palavra "cordial", que se originou do latim *cor, cordis* e remete ao que brota do coração e tanto tinha relação com "bondade" como com o sentimento de inimizade. Cassiano Ricardo persiste em sua crítica, argumentando que as modificações de Holanda fazem com que não haja uma definição marcada do caráter brasileiro.

O autor Robert Wegner analisa a resposta de Sérgio Buarque às críticas de Cassiano Ricardo, a qual dizia "que já tenha gasto muita cera com esse pobre defunto"⁵. Wegner possibilita duas diferentes interpretações: Sérgio Buarque havia abandonado o projeto de definir o caráter brasileiro ou, então, o homem cordial não existia. Para desenvolver a primeira possibilidade de sua interpretação, Wegner leva em conta as considerações das transformações do contexto intelectual do período. A atividade intelectual como uma profissão impedia o exercício intuitivo de encontrar o perfil do brasileiro. Em seu segundo sentido, ele afirma:

Assumindo que a obra teria se mantido, em alguma medida, como um ensaio sobre o caráter nacional, a afirmação de que o homem cordial era um "pobre defunto" ressaltaria o fato de que ele estaria em vias de extinção, devido às mudanças estruturais da economia e da sociedade brasileiras: o homem cordial existiu, mas já não era o mesmo. (WEGNER, Robert. 2006, p. 473)

O segundo sentido exige uma análise contextual do período a fim de considerar o que era produzido pelas ciências sociais na universidade. Em 1948, Sérgio Buarque fez um estudo no qual os seus interesses centralizavam-se nas questões de mudanças sociais e na oposição entre tradição e modernização. Wegner argumenta então, que predominava uma narrativa que afirmava que a modernização sempre viria de fora enquanto que, para Holanda, era ao contrário, as novas civilizações não eram organismos culturais compactos, homogêneos e bem equilibrados. Assim, as populações tradicionais se aproximavam mais do conceito de "civilidade", construindo não uma relação de exterioridade, mas de interação com as influências externas.

Nas edições posteriores, Holanda fortaleceu seu argumento sociológico da mudança estrutural brasileira o que fez com que houvesse uma diluição da "cordialidade". De acordo com Wegner, esse tipo de "sociologização" se estendia a outras partes do ensaio. A sentença de morte ao Homem Cordial estava incorporada na terceira edição e recebia um sentido distinto conforme o contexto político do momento: era época do desenvolvimentismo da era de Juscelino Kubitschek, no qual vinha à tona a modernização do país e a renovação da política. O conceito de Homem Cordial tinha presente em sua essência certa aversão à esfera pública, que se fazia contrário ao projeto de modernidade.

A quinta edição foi publicada em 1969, em meio a ditadura no país. As mudanças foram singelas, mas neste momento, a obra contava com um prefácio – escrito dois anos antes – por Antonio Candido⁶. O prefácio passa a ser parte sistemática do livro atribuindo a concepção do *Raízes do Brasil* como um "clássico de nascença" e Sérgio Buarque como um autor pertencente a esfera do pensamento "radical" no Brasil. Ainda nesta edição, o quadro político era de grande apreensão para as esquerdas, época onde o ensaísmo era visto com desconfiança por muitos intelectuais. Antonio Candido atribuiu novas faces a obra, as quais eram livres das tentações autoritárias e pouco comprometidas com uma visão "adocicada"⁷ das relações sociais no Brasil. Wanderley Guilherme dos Santos, citado por Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz, chega a dizer que Sérgio Buarque de Holanda de *Raízes do Brasil* era uma invenção de Antonio Candido" (2016, p. 16).

Antonio Candido é parte fundamental do *Raízes do Brasil*. Ao decorrer das cinco edições do livro Sérgio Buarque foi transformando sua obra em algo mais "radical", até que seu amigo crítico pudesse interpreta-lo como um clássico de nascença. O prefácio de Antonio Candido beneficiou a estabilização do livro, como se ela tivesse "nascido" pronto para o pensamento democrático e liberal.

Na primeira edição do livro, entretanto, *Raízes do Brasil* possuía uma grande desconfiança para com as teses liberais.

⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Carta a Cassiano Ricardo*. São Paulo, 1948.

⁶ Antonio Candido, por sua vez, já havia adicionado uma nota na edição anterior em 1963 e um "Post-scriptum" em 1986.

⁷ Termo utilizado por Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz em *Uma Edição Crítica de Raízes do Brasil: O historiador lê a si mesmo*.

O desconforto de Sérgio Buarque com o *caudilismo* hispano-americano, por exemplo, não chegava a fazê-lo acreditar que uma visão mais impessoal da política pudesse derrotar o personalismo que atravessa o espaço público latino-americano, e brasileiro em particular. O personalismo, em suma, não seria derrotado por uma democracia liberal, porque o pacto político que ela pressupunha não se ajustava completamente aos traços mais profundos da realidade brasileira. (MONTEIRO, Pedro Meira; SCHWARCZ, Lilia Mortitz, 2006, p.17)

Passada a Segunda Guerra Mundial, qualquer desconfiança sobre o pacto liberal seria colocada em suspeita. A solução "radical" que Antonio Cândido atribuiria a Buarque de Holanda como, de fato, uma invenção, era muito menos presente na primeira edição, quando a obra tinha afinidade com uma noção mais orgânica do Estado, que suprisse as "necessidades específicas" da sociedade, resultando em um Estado forte, ao contrário das diretrizes da política liberal. A verdadeira problemática estava justamente em quando Sérgio Buarque escreveu e publicou seu livro. Em 1936, a crise referente a impotência do pacto representativo do liberalismo no período entreguerras estava particularmente presente. Buarque de Holanda estava preocupado em compreender, e eventualmente criticar, o modelo de um Estado forte e presente, seja ele à direita ou à esquerda. Porém, este Estado deveria ser, de acordo com o discurso presente na obra, uma conjugação das "necessidades específicas" da sociedade e o seu "ritmo espontâneo". Questões de representação eram pontos importantes, as quais colocavam o líder como centro do debate político.

Wegner diz que de forma geral, a partir da segunda edição, a obra *Raízes do Brasil* passa a ser um livro "indeciso" entre a forma do ensaio de caráter nacional e as explicações de alcance histórico-sociológico. E reconhece três diferentes faces do ensaio:

Num primeiro plano, como vimos, é um texto em que ^{8o} que está sendo descrito se encontra em franca modificação. Num segundo plano, por seu caráter dinâmico, faz com que, no ato da leitura, o leitor se interrogue sobre o percurso do país e as mudanças ocorridas nesses oitenta anos que nos separam da primeira edição, afinal tudo o que se descreve está se alterando. E, finalmente num terceiro plano, na medida em que ainda manteve sua feição de ensaio sobre o caráter brasileiro, e mesmo que o questione em alguns momentos, o livro pode funcionar como um espelho em que o leitor se vê refletido, ao mesmo tempo que, com um simples gesto, pode modificar aquilo que enxerga. (WEGNER, Robert. 2006, p.477)

Sérgio Buarque de Holanda teve seu nome ligado, de maneira indissociável, ao seu livro. Para o autor, tratava-se de um texto de juventude, que ainda precisava amadurecer com o tempo. Entretanto, Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz fazem o seguinte questionamento em sua crítica: Quem é Sérgio Buarque sem *Raízes do Brasil*? Segundo os próprios críticos, Holanda era um historiador erudito que renovou na pesquisa da cultura material e no apuro dos dados documentais, autor brilhante de outras várias importantes obras, atento aos debates contemporâneos da teoria da história e da literatura. E mesmo assim, Sérgio Buarque ainda é um personagem de *Raízes do Brasil*. Ou seja, Holanda precisou rescrever por várias vezes sua obra para poder reinventar-se a si mesmo como autor, trazendo um contexto distinto que exigia um novo livro e, também, um novo autor.

Capítulo III – AS FACETAS DO HOMEM CORDIAL

O ponto central do ensaio de Sérgio Buarque está em torno da noção-chave de *Homem Cordial*. O conceito nomeia o quinto capítulo do livro e articula a formação da ideia da cordialidade como uma particularidade do caráter brasileiro. Entretanto, não foi Sérgio Buarque quem criou o Homem Cordial. O conceito nasceu no Rio de Janeiro, em meados de 1930. A primeira figura importante de sua constituição chama-se Alfonso Reyes⁹, embaixador mexicano, poeta e intelectual.

8

⁹ Além de sua atuação como poeta foi um grande ensaísta, tradutor, diplomata mexicano e acadêmico. Fundou *O Colégio de México*.

(...) se juntou ao grupo de escritores e boêmios freqüentadores do lendário Restaurante Reis, no centro da cidade. Casa humilde, “cujo grosso da freguesia era de motoristas e carroceiros” – conta Manuel Bandeira –, ali se podia, com algum espanto, encontrar o embaixador do México sendo homenageado com um jantar oferecido por jornalistas e poetas. Pensando em estimular o intercâmbio entre artistas, Dom Alfonso, como muitos o chamavam, decidiu editar, na então capital da República, onde permaneceria de 1930 a 1936, a revista Monterrey: Correo Literario de Alfonso Reyes. A publicação entusiasmou Manuel Bandeira, que tratou de enviar os três primeiros números, dos catorze que seriam publicados, a seu querido amigo Ribeiro Couto, então funcionário do Consulado do Brasil em Marselha. Couto, de temperamento vibrante, e especialmente animado sempre que se tratasse de ligações intelectuais ultramarinas, espontaneamente escreveu a Reyes cumprimentando-o pela iniciativa. É nessa carta, datada de 7 de março de 1931, que ele usa, pela primeira vez, a expressão “homem cordial”. Apreciando o assunto, e em reconhecimento à atenção do remetente, Reyes publicou trecho da referida carta com o título de “El Hombre Cordial, producto americano”, na seção “Epistolário” da Monterrey. (BEZERRA, Elvia, s/d, p. 124)

Justamente, nesse documento¹⁰, Rui Ribeiro Couto¹¹ introduz a influência ibérica na construção do “Homem Cordial”. Em suma, Rui Ribeiro Couto parte de seu conceito de *americanismo*¹² afirmando que a ideia de homem ibérico somado as novas terras e aos novos povos, considerados primitivos, resultam em uma nova raça, uma nova cultura e ao homem cordial. Portanto, a América Latina, em sua concepção, oferece ao mundo o homem cordial. “O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda vastidão generosa daquela terra, a família dos homens cordiais (...)” (COUTO, Rui Ribeiro, 2006, p.397). Ainda em sua carta, Ribeiro Couto, a fim de contrastar com as características do “americanismo”, reconhece o homem cordial como hospitaleiro e com a tendência à credulidade, como oposto ao tradicional homem europeu.

Sérgio Buarque de Holanda parte para o desenvolvimento de seu ensaio a partir do mesmo ponto de Rui Ribeiro Couto. Sua linha cronológica segue desde a colonização até aos “novos tempos”¹³. Em *Raízes do Brasil* o autor constrói sua análise através de uma alternância entre narrativa e generalizações que, segundo Antonio Candido, lembram os tipos ideais weberianos¹⁴. Buarque de Holanda mobiliza os pares, sempre constituindo um cenário de contrários podendo remeter a dois casos históricos, como em seu segundo capítulo, quando compara a colonização portuguesa marcada pela “aventura” em oposição ao tipo ideal do “trabalhador”. O autor enfatiza a questão do pioneirismo ibérico em relação ao descobrimento do Novo Mundo no intuito de estabelecer uma caracterização de dois personagens: o “aventureiro” e o “trabalhador”. De acordo com o autor, a exploração realizada nos trópicos, sobretudo pelos portugueses, foi realizada de forma desordenada e irracional, com certo desleixo e abandono em virtude do interesse pelo comércio das Índias. Tais características são importantes para delinear o perfil dos personagens do capítulo. Em outras palavras, a forma como foi realizada a colonização e quem colonizou os trópicos determina os atores da história nacional. Há uma dicotomia importante entre o “aventureiro” e o “trabalhador” na concepção de Buarque de Holanda. O primeiro quer apenas chegar ao seu objetivo, sem se importar com as consequências do processo entre o ponto de partida e a chegada. Já o trabalhador reconhece as adversidades do percurso e valoriza as pequenas batalhas até o triunfo, com um olhar mais restrito quando comparado ao aventureiro. Entretanto, mesmo com propriedades diferentes, o aventureiro e o trabalhador podem estar dentro de um só homem.

Ademais, o princípio aventureiro do ibérico explica a destreza em habituar-se. As nações que possuíam o tipo aventureiro, segundo Buarque de Holanda, foram bem-sucedidas na conquista do Novo Mundo, pois a audácia prevalecia. Já em contraste, o trabalhador teve um papel muito menor. “Não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente, empenhadas nessa obra, principalmente as nações onde o tipo do trabalhador [...] encontrou ambiente menos propício” (HOLANDA, 1982, p. 45). Contudo, uma das dificuldades

¹⁰ Publicado em 7 de março de 1931.

¹¹ Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1934. Concedeu ao *Homem Cordial* seu verdadeiro fundamento sociológico.

¹² O conceito repele a ideia de uma pureza étnica, da compreensão de indianismo e principalmente, a noção de primitivo.

¹³ Tempos nos quais o processo de urbanização teria se iniciado com a transferência da corte para o Rio de Janeiro.

¹⁴ Ideais de formação nacionais.

encontradas pelos exploradores estava no trabalho. Apesar de terem encontrado os nativos, os portugueses notaram como faltava a forma metódica de trabalho na cultura indígena e recorreram à força de trabalho dos escravos africanos, a qual fora utilizada na Europa. O ensaísta descreve como a organização do trabalho sofreu com a predominância latifundiária e a escravidão. Nos trabalhos urbanos dominavam o ganho fácil e inflexibilidade, que caracterizam os trabalhos rurais. Dedicar-se a um único tipo de trabalho era atípico. Pouco se conservou da tradição puramente ibérica, tudo foi modificado pelas condições adversas do meio. Na perspectiva do autor, para prosperar o trabalho produtivo no Brasil faltou uma capacidade de livre e duradoura associação entre os elementos empreendedores. O indivíduo, neste contexto, não era especializado em um tipo de trabalho e muito menos um profissional por vocação, mas se via movido pelo ganho e por interesses pessoais, de modo a estranhar o trabalho coletivo. Logo, a sociedade, em uma visão geral, não conseguiu organizar-se politicamente de forma estável.

A "cordialidade" é sustentada pelo ambiente de latifúndio, monocultura e escravidão. Na família patriarcal está presente a alma do "aventureiro", uma vez que o "homem cordial" são as manifestações dos impulsos do coração. Na família patriarcal a subjetividade dos indivíduos é estabelecida de modo a se reconhecerem apenas os vínculos afetivos e a vontade arbitrária do patriarca, pois representam a vontade do senhor. Por isso, como afirma Pedro Meira Monteiro em seu artigo *Buscando América*¹⁵, o homem cordial é aquele que não compreende as leis impessoais e age conforme o coração. São esses impulsos que Sérgio Buarque assegura em nota – a partir da segunda edição –, após a polêmica com Cassiano Ricardo, que não significam, simplesmente, bondade, mas, na verdade, ao sentido de estar voltado tanto para a amizade, como para a inimizade.

Sérgio Buarque de Holanda, em 1935, escreve um pequeno ensaio¹⁶ do que seria uma síntese de sua obra *Raízes do Brasil*. O ponto primordial de seu texto são as propriedades do Homem Cordial, o qual ele descreve da seguinte maneira:

A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas pelos estrangeiros que nos visitam, formam um aspecto bem definido do caráter nacional. Seria engano supor que, no caso brasileiro, essas formas possam significar "boas maneiras", civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emocional extremamente rico. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. (HOLANDA, Sérgio Buarque, 2006)¹⁷

A partir de sua descrição é possível acreditar que o autor valoriza as características de cordialidade. Entretanto, segundo o artigo *Um ensaio entre o passado e o futuro*¹⁸, de Robert Wegner, Buarque de Holanda em sua obra, realiza uma dinâmica de alternância entre a narrativa e generalizações, a qual se constitui por enxergar a mesma temática por perspectivas distintas tornando-a ora favorável, ora crítica. Deste modo, no decorrer de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque transforma a cordialidade apenas em uma face exterior de apresentação, demonstrando que, para o homem cordial, a vida social é uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, pois, apoia sobre si próprio todas as circunstâncias de sua existência. E não somente a capacidade do homem cordial em viver em sociedade é analisada de forma negativa, a falta de coesão na vida íntima do brasileiro integra-se a sua personalidade, fazendo com que a sua "generosidade", "hospitalidade" e "lhaneza no trato" sejam a prova de sua incapacidade de manutenção da individualidade. Assim, suas características "passam a ser sintomas de uma conduta maleável a cada circunstância e opinião"¹⁹. A partir dessa perspectiva, o talento do homem cordial para a vida social transforma-se em uma atitude mimética. A civilidade também é uma máscara do indivíduo brasileiro. A polidez, a qual aparentemente parece uma virtude de manifestações espontâneas, não se trata mais disso. Através da padronização das formas da cordialidade o indivíduo consegue manter sua supremacia diante ao meio social. Ao contrário da cordialidade, na civilidade, há o triunfo da individualidade pois a polidez implica na soberania contínua do indivíduo. Portanto, ao

¹⁵ Princeton, agosto de 2006.

¹⁶ Intitulado *Corpo e alma do Brasil* e com o subtítulo "Ensaio de psicologia social". Publicado na revista *Espelho* em março de 1935.

¹⁷ Sérgio Buarque de Holanda descreve o Homem Cordial de maneira muito semelhante em *Raízes do Brasil*, pág. 106, 1982.

¹⁸ Rio de Janeiro, agosto de 2006.

¹⁹ WEGNER, Robert. 2006.

que primeiramente na afirmação de Sérgio Buarque parecem características de um indivíduo civilizado, são, na verdade, faces de uma cordialidade que se apresenta de forma maleável, as quais levam à diluição da individualidade no meio social. Em relação as manifestações e as convenções sociais, o autor declara: "O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar." (HOLANDA, 1982, p. 109).

No capítulo *Homem Cordial*, o ensaísta apresenta como ponto inicial de sua análise a seguinte frase: "O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo" (HOLANDA, 1982, p. 101), isto é, há uma oposição clara entre o Estado e a família, ambos pertencem a ordens diferentes em essência. Assim, somente pelo rompimento da ordem doméstica é que se origina o Estado e que o indivíduo se faz cidadão. Com isso, há uma predominância do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo e não há uma refinação regular. De modo geral, a partir do reconhecimento de Robert Wegner sobre história política ocidental moderna, a esfera privada preserva o que seria relativo à "condição humana", enquanto é marcada pela "diferença", já em oposição. A esfera pública é uma "criação humana" e é o espaço que se exerce "igualdade" que, logo, pressupõe a capacidade de "abstração"²⁰. A partir disso, a polidez do homem cordial – que já foi apresentada como uma máscara – possui afinidade com a diferenciação entre as esferas, ao contrário dos indivíduos moldados pela família tradicional rural, que se portam na esfera pública como uma extensão de suas particularidades. Segundo Sérgio Buarque de Holanda há uma "invasão do público pelo privado, do Estado pela família" (1982, p. 104).

De acordo com o autor de *Raízes do Brasil*, as teorias modernas trouxeram em si a separação do indivíduo para com a esfera doméstica, e essas separações são primordiais para a vida prática. A sociedade formada com a ideia de primazia da família caracteriza-se por uma sociedade de formação precária, ainda mais quando se trata de um modelo patriarcal. Com isso, é possível concluir que a família tradicional rural é o criadouro da cordialidade. Contudo, ao mesmo tempo que Sérgio Buarque afirma a existência da cordialidade, ele anuncia seu desaparecimento, garantindo que as famílias tradicionais tendem a desaparecer devido as exigências das novas condições de vida.

Sérgio Buarque faz a comparação da civilidade em relação à reverência religiosa, demonstrando que a veneração de uma divindade não se difere de modos que demonstram respeito. A partir disso ele afirma: "Nenhum povo está mais distante dessa noção religiosa da vida do que o brasileiro" (HOLANDA, 1982, p.107). O convívio social é o contrário da polidez. Ademais, há uma aversão ao ritualismo social entre os brasileiros, a qual é perceptível na dificuldade dos brasileiros de se reverenciar de forma prolongada a um superior. O caráter do brasileiro aceita fórmulas de adoração desde que não atinja o convívio mais familiar. O respeito é demonstrado no Brasil com o desejo de estabelecer intimidade. Isto posto, ainda em relação a manifestações, sucede a tendência a omissão do nome de família no meio social, o nome individual é o que precede. Essa tendência está relacionada ao fato de existirem famílias diferentes e independentes umas das outras.

De acordo com o autor, o íntimo brasileiro não possui coesão ou disciplina para envolver e dominar sua personalidade, integrando-a no conjunto social. A propensão social do brasileiro não se configura como um fator positivo na ordem coletiva pois demonstra um apego aos valores domésticos. Com isso, cada indivíduo se afirma aos seus semelhantes como, indiferente à lei geral, no que esta contraria suas afinidades emotivas. É raro ao brasileiro dedicar-se a um objeto exterior a ele. Quando se foge a norma, é simplesmente pelo prazer de a ela se subtrair, de modo algum por própria iniciativa. Sérgio Buarque descreve o brasileiro como avesso às atividades monótonas, nas quais o sujeito submete-se a um mundo diferente do dele, composto por uma personalidade individual que dificilmente suporta ser comandada por um sistema regado e disciplinador.

A relação complexa entre a estrutura da personalidade e estrutura da sociedade traz consigo suas respectivas consequências. O ensaísta entende que há uma incompatibilidade radical entre o personalismo²¹ brasileiro e a estrutura social democrática. O personalismo é uma característica peculiar à península Ibérica e não se aplica aos demais países da Europa. Seus predicados envolvem a importância que os indivíduos atribuem ao valor próprio da pessoa humana e está relacionado a autonomia dos indivíduos. Segundo Leopoldo

²⁰ Imparcial quanto a esfera privada. Tratar as leis de forma igual para todos.

²¹ Estrutura da personalidade característica do "povo".

Waizbord, em seu texto *Raízes do Brasil: inércia e transformação lenta*²², em Sérgio Buarque apenas uma outra estrutura da personalidade e a superação do personalismo poderiam fundamentar uma estrutura social democrática, da mesma forma que uma estrutura social de caráter democrático sustentaria uma estrutura da personalidade diversa, não mais personalista. Entretanto, Sérgio Buarque não considera uma transformação dessa estrutura da personalidade e, devido a isso, acredita que a democracia no Brasil sempre foi um lamentável mal-entendido e a sua imposição, de um regime democrática artificial, vai contra os sentimentos e os instintos mais vivos do povo. A intenção do autor é estabelecer algo condizente com a personalidade do brasileiro, uma correspondência e adequação entre estrutura da personalidade e estrutura social.

Sérgio Buarque, por essa interpretação, estaria sincronizado ao pensamento conservador da época da primeira edição, o qual faz crítica ao liberalismo de tendências antidemocráticas, antirrepublicanas e nacionalistas. De acordo com Waizbord, Sérgio Buarque utiliza expressões caras ao pensamento conservador e as coloca em um contexto marcado por um pensamento anti-intelectualista e anti-iluminista, os quais consideram a "vida" um elemento criativo, dinâmico e sintético por excelência. O autor é sensível as mudanças, nos domínios da estrutura da personalidade e da estrutura social. Tudo isso, como já exposto, ganha outros nuances nas edições posteriores, sobretudo as do pós-guerra.

Portanto, na visão de Sérgio Buarque, o homem cordial revela especificidades do indivíduo brasileiro, as quais se refletem na coletividade. Uma herança deixada e adaptada pelos colonizadores portugueses, que muito se diz sobre a trajetória nacional. A aparente sensação de cordialidade como virtude nada tem com o sentido de civilidade, o brasileiro é o homem cordial por ser avesso aos rituais e por cultivar um alto grau de intimidade nas relações políticas, que assim se tornavam, ilusoriamente, mais próximas, mesmo que também mais assimétricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sérgio Buarque de Holanda pretendia apresentar um perfil da identidade nacional fazendo uma alusão à colonização portuguesa nas Américas, o que resultou em seu conceito de *Homem Cordial*. Entretanto, é válido ressaltar que sua obra se concretiza como um ensaio, no qual estão claramente expostos ideias, críticas, reflexões e posições pessoais sobre a temática.

Raízes do Brasil alcançou grande prestígio, "(...) uma espécie de capital simbólico fundamental, e também uma marca. Uma forma de nos apalparmos e nos reconhecermos na diferença que deixa de ser histórica e passa a ser essencial" (MONTEIRO, Pedro Meira. Schwarcz, Lilia Moritz, p. 24, 2006). Isto é, o livro tornou-se uma maneira do brasileiro poder se enxergar de formas distintas. O conceito de *Homem Cordial* se inseriu no vocabulário conservador, mas também, recebeu interpretações liberais. Todavia, essas várias interpretações, muitas delas distantes do que o próprio autor propõe, respondem as várias questões dos brasileiros sobre si. De forma geral, o livro assume um posicionamento de constante construção, mesmo que em muitas passagens da primeira edição se apresente como o pensamento conservador da época pois, faz uma crítica ao liberalismo (de tendências antidemocráticas, antirrepublicanas e nacionalistas).

A obra ainda é estudada e faz parte do pensamento social brasileiro que possui como traço, de sua própria tradição, a regressão às origens históricas-culturais com a finalidade de explicar o presente. Segundo, Antonio Candido, a obra faz parte dos três livros fundamentais para entender o Brasil, junto com *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre e *Formação do Brasil Contemporâneo*, do autor Caio Prado Júnior. "São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo" (CANDIDO, Antonio. 1982, p. 11).

Por fim, tendo em vista o contexto de Sérgio Buarque, estabelecido pelo movimento modernista, no qual a racionalidade fazia parte de seus alicerces, estaria o autor, colocando a degraus abaixo o brasileiro – o *Homem Cordial*, movido pelos sentimentos e pela impulsão de suas vontades, pelo coração – em relação ao norte-americano – a referência do espírito racional –? Não há como negar. *Raízes do Brasil*, entretanto, trouxe

²²2000, p. 470

importantes contribuições para o pensamento político social brasileiro de sua(s) época(s) que estão presentes até hoje, após 82 anos desde sua edição original. O livro formulou resultados primordiais e distintos, que variam de acordo com as suas edições. Mesmo que Raízes do Brasil se demonstre por vários momentos dúbio em relação aos seus conceitos nas reedições, traz ao brasileiro uma representação valorosa a sua formação, resultado de inúmeros antagonismos.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Elide Rugai. Um livro entre constituintes. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição crítica. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 405-410.

BEZERRA, Elvia. **Ribeiro Couto e o homem cordial**. [s/d]. 7 f. Artigo - Academia Brasileira de Letras, [S.l.], [s/d]. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 7-22. v. 1.

COUTO, Rui Ribeiro. El hombre cordial, producto americano. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição comemorativa 70 anos. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 397-398.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 158 p. v. 1.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição comemorativa 70 anos. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 393-396.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Corpo e alma do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição comemorativa 70 anos. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 399-420.

JACKSON, Luiz Carlos; BLANCO, Alejandro. **Sociologia no Espelho**. 1. ed. São Paulo: 34, 2014. 264 p.

MONTEIRO, Pedro Meira; SCHWARCZ, Lília Moritz. Uma edição crítica de Raízes do Brasil: o historiador lê a si mesmo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição crítica. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 11-26.

MONTEIRO, Pedro Meira. Buscando América. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição comemorativa 70 anos. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 313-364.

RICARDO, Cassiano. Variações sobre o "homem cordial". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição comemorativa 70 anos. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 365-392.

ROCHA, João Cezar de Castro. Um conceito ou um baixo contínuo? Venturas e desventuras do Homem Cordial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição crítica. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 457-463.

WAIZBORT, Leopoldo. Raízes do Brasil: inércia e transformação lenta. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição crítica. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 465-470.

WEGNER, Robert. Doze anos que abalaram as Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de et al. **Raízes do Brasil**. edição crítica. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 471-477.